

DARCOS

temporada 2026

19ª edição

CAMANÉ & ENSEMBLE DARCOS

21 janeiro / quarta-feira / 20:00

São Luiz Teatro Municipal
sala Luis Miguel Cintra

23 janeiro / sexta-feira / 21:30

Teatro-Cine de Torres Vedras

24 janeiro / sábado / 21:00

Casa das Artes, Famalicão

POESIA VIVA

ARTE DA MÚSICA

28 fevereiro / sábado / 18:00 e 21:30

Espaço Darcos, Torres Vedras

ENSEMBLE DARCOS

14 março / sábado / 21:00

Convento de São Pedro de Alcântara, Lisboa

15 março / domingo / 17:00

Quinta da Almiara, Torres Vedras

EUROPA SINFÓNICA

LONDON MOZART PLAYERS

9 abril / quinta-feira / 21:30

Teatro-Cine de Torres Vedras

10 abril / sexta-feira / 21:00

Centro Cultural de Belém
Pequeno Auditório, Lisboa

ORQUESTRA DE CÂMARA DARCOS

9 maio / sábado / 18:30

Museu do Dinheiro, Lisboa

10 maio / domingo / 17:00

Hotel Dolce Camporeal Lisboa
by Wyndham, Torres Vedras

PRÉMIO INTERNACIONAL DE COMPOSIÇÃO DARCOS 4ª EDIÇÃO

19 junho / sexta-feira / 21:30

Átrio da Câmara Municipal
de Torres Vedras

6ª SINFONIA DE MAHLER - TRÁGICA

2 julho / quinta-feira / 21:30

Teatro-Cine de Torres Vedras

3 julho / sexta-feira / 21:00

Academia das Ciências de Lisboa

4 julho / sábado / 21:30

Festival Cistermúsica Alcobaça

ESTÁGIO ORQUESTRAL DARCOS

/ CONSERVATÓRIO DE MÚSICA CALOUSTE
GULBENKIAN DE BRAGA

12 setembro / sábado / 21:30

Theatro Circo, Braga

POESIA VIVA

NO FEMININO

19 setembro / sábado / 18:00 e 21:30

Espaço Darcos, Torres Vedras

MASTERCLASSES

8 e 9 de setembro

Conservatório de Música Calouste
Gulbenkian de Braga
SÉRGIO CAROLINO, TUBA

9 de setembro

Conservatório de Música Calouste
Gulbenkian de Braga
NUNO CÔRTE-REAL, COMPOSIÇÃO

1 e 2 dezembro

Escola Artística de Música do
Conservatório Nacional de Lisboa
PEDRO RIBEIRO, TROMPA

PIANO EXCLUSIVO

UNCAGED

10 outubro / sábado / 18:00 e 21:30

Espaço Darcos, Torres Vedras

EUROPA SINFÓNICA

NORDWESTDEUTSCHE

PHILHARMONIE Alemanha

29 outubro / quinta-feira / 21:30

Teatro-Cine de Torres Vedras

30 outubro / sexta-feira / 21:00

Aula Magna da Reitoria
da Universidade de Lisboa

VISIONES TRIBUTO A GARCIA LORCA
NOS 90 ANOS DA SUA MORTE

17 novembro / terça-feira / 21:30

Teatro-Cine de Torres Vedras

18 novembro / quarta-feira / 21:00

Teatro Maria Matos, Lisboa

CICLO JOVENS SOLISTAS

ENSEMBLE DARCOS

& PEDRO RIBEIRO

5 dezembro / sábado / 21:00

Convento de São Pedro de Alcântara, Lisboa

6 dezembro / domingo / 17:00

Hotel Golf Mar, Porto Novo, Torres Vedras

EUROPA SINFÓNICA EM DIGRESSÃO

NORDWESTDEUTSCHE

PHILHARMONIE

5, 6, 7, 10 e 11 novembro

Minden, Herford, Bad Salzuflen, Detmold
e Paderborn / Alemanha

DARCOS

temporada2026

19ª edição

PONTES

A Temporada Darcos cumpre este ano a sua 19ª edição. Podemos dizer que atingimos a maioridade, e gostaríamos de acreditar que durante este tempo crescemos, expandimos, amadurecemos, diversificámos. Nestes dezanove anos, o próprio mundo foi mudando (é inevitável!). Estupefactos, vimos o impensável, vimos o inconcebível, vimos a fragilidade de tudo o que tínhamos por adquirido, vimos como o tempo acelerou, vimos como a realidade se fragmentou em miragens inconsistentes, vimos o triunfo das paixões tristes, vimos o inaceitável tornar-se aceitável. Ainda que tenha perdido algum do seu impacto, ainda que tenha perdido alguma da sua proeminência, do seu prestígio social e cultural, acreditamos que a Arte será sempre uma força de resistência contra as forças irracionais que governam o mundo. Este é o nosso modesto contributo. Aos puristas, respondemos com a pluralidade. Aos que andam para aí a berrar as suas falsidades, as suas meias verdades, respondemos com a música, com a beleza do canto, pois a música é por natureza incapaz de mentir. Aos que andam por aí a semear a discórdia e a apregoar a divisão, respondemos com a nossa modesta engenharia, a engenharia de pontes. Podia, aliás, ser o nosso lema: a ponte enquanto elemento de ligação e comunicação, a ponte que permite atravessar fronteiras. E é o que temos feito: entre o fado e a música erudita (Chopin e Camané, conjugados no mesmo pretérito perfeito, que é o pretérito da saudade); entre o jazz e a tradição clássica; entre a poesia e a música (eternas irmãs, filhas das musas), entre Bach e Hollywood... Entre Portugal e o mundo.

Vejamos então alguns dos destaques da Temporada Darcos 2026. Desde logo, o concerto de abertura, no qual o fadista Camané irá revisitar fados do seu repertório e outros em estreia absoluta, lado a lado com o Ensemble Darcos, numa formação singularmente bela, composta de instrumentos e vozes. Será também apresentado

o projeto “Visiones” com a cantora, Maria Mendes, um dos nomes maiores do jazz português da atualidade, numa celebração evocativa dos 90 anos da morte do poeta espanhol, Gabriel Garcia Lorca, fuzilado em Granada por militares falangistas.

A poesia, aliás, terá nesta edição dois recitais protagonizados pelos atores Paulo Pires e Paula Lobo Antunes, acompanhados ao piano por Helder Marques.

O ciclo Europa Sinfónica continuará a sua memorável viagem desta feita com o famoso agrupamento londrino, London Mozart Players, e a orquestra alemã, Nordwestdeutsche Philharmonie, tendo em ambos os programas dois violoncelistas de renome internacional: de Portugal, Filipe Quaresma, da Suíça, Nadège Rochat.

O Ensemble Darcos apresentará ainda a monumental 6ª Sinfonia de Gustav Mahler, numa versão de câmara realizada por Klaus Simon, e a 4ª edição do Prémio Internacional de Composição Darcos, este ano dedicado ao quarteto de cordas.

Continuando o seu percurso auspicioso iniciado em 2024, a Orquestra de Câmara Darcos, agrupamento composto pelos mais talentosos instrumentistas da região de Lisboa, apresentará um programa onde se cruza a música de Johann Sebastian Bach e de Bernard Hermann, como se o cinema de Hollywood mergulhasse na história da música ocidental... Na véspera do seu 20º aniversário, a Temporada Darcos continuará fiel às suas premissas: divulgar a grande música do passado, valorizar os músicos e a música portuguesa, criar pontes, internacionalizar o seu programa, e olhar para o futuro com a vontade de quem quer abrir horizontes, e não fechá-los.

Viva a música com futuro, viva a cultura do presente!

Nuno Côrte-Real

maestro, compositor e curador

onde a música encontra o território

A cultura vive do tempo: do tempo da criação, do encontro e da memória.

É nesse equilíbrio que a Temporada DARCOS tem afirmado, ao longo dos anos, um projeto cultural singular, enraizado no território e aberto ao mundo.

Torres Vedras orgulha-se de acolher DARCOS como uma estrutura que valoriza a música enquanto linguagem universal, capaz de criar pontes entre gerações, públicos e geografias. A sua ação contínua, assente na qualidade artística, na formação e na proximidade com a comunidade, é um exemplo de como a cultura pode ser simultaneamente exigente e acessível.

A 19.ª edição da DARCOS confirma essa vocação: uma programação que cruza repertório e criação contemporânea, artistas consagrados e novos talentos, mantendo sempre o compromisso com o serviço público da cultura. Num tempo marcado por rápidas transformações, projetos como este recordam-nos a importância de investir na continuidade, no conhecimento e na relação entre artistas e público.

O Município de Torres Vedras renova, por isso, o seu reconhecimento e apoio à DARCOS, certo de que a cultura é um pilar essencial do desenvolvimento humano, social e territorial.

Que esta temporada seja, uma vez mais, um convite à escuta atenta, à descoberta e ao reconhecimento mútuo.

Sérgio Galvão

Presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras

camané & ensemble DARCOS

21 janeiro / quarta-feira / 20:00

São Luiz Teatro Municipal
sala Luis Miguel Cintra

23 janeiro / sexta-feira / 21:30

Teatro-Cine de Torres Vedras

24 janeiro / sábado / 21:00

Casa das Artes, Famalicão

Seleção de fados,
música de Chopin
e fados em estreia
de M. Amaral (1982)
e N. Côrte-Real (1971)

Camané, voz

Miguel Amaral, guitarra portuguesa

Nuno Côrte-Real, maestro e arranjos

ENSEMBLE DARCOS

bilhetes à venda nos locais habituais

Declarado Património Imaterial da Humanidade, pela UNESCO, em 2011, o Fado mantém, no contexto contemporâneo, uma posição paradoxal e fecunda.

Por um lado, é um dos sinais identitários mais fortes da cultura portuguesa; por outro, circula num espaço global onde se cruzam linguagens, referências e práticas.

No imaginário português, o Fado é mais do que um género musical: é raiz e corpo vivo, um modo de dizer o mundo, uma forma de olhar a existência a partir da experiência humana, numa metamorfose pautada pela perda, o anseio, a memória e a esperança frágil.

Mas a história do Fado tem sido feita de encontros, uma relação dialética com géneros musicais de outras latitudes pelo que, a dicotomia continuidade versus rotura, ou a tensão entre autenticidade e abertura são falsos dilemas.

Esta capacidade de absorver e transformar influências é, aliás, uma das razões da sua longevidade, ainda que alavancada numa matriz interpretativa que privilegia a verdade íntima do canto e a integridade do texto poético. Longe de um modelo puro, a autenticidade do Fado reside naquilo que sempre o definiu: a voz despida, a palavra direta, a verdade emocional, e a relação íntima entre o intérprete e o público, tendo em Camané (1966), com a sua clareza estilística e rigor poético, e Miguel Amaral (1982), com a sua mestria à guitarra portuguesa, uma das suas mais preclaras vozes. Em profundo diálogo, pela dolência serena que delas emana, afinidade espiritual que ressoa com a gramática afetiva do Fado, Nuno Côrte-Real (1971) fez o arranjo de duas obras maiores da literatura pianística da cultura ocidental, o *Prelúdio n.º4*, em mi menor e o *Noturno, n.º2*, em Mib maior, op.9, de Frédéric Chopin (1810-1849). O primeiro faz parte dos *24 Prelúdios*, op.28, escritos entre 1838 e 1839 na Cartuxa de Valldemossa, em Mallorca (Espanha), onde o compositor, que sofria de tuberculose, procurara refúgio. De acordo com a tradição, George Sand (1804-1876), a amante de Chopin, deu como título ao prelúdio, *Quelles larmes au fond du cloître humide?* [Que lágrimas foram derramadas nas profundezas do húmido mosteiro?]. Entre 1827 e 1846, Chopin escreveu 21 noturnos, quase todos de carácter exacerbadamente lírico e introspetivo, sendo o *Noturno n.º2* o mais famoso de todos. Também aqui, a melancolia luminosa, o canto que nasce do íntimo, procura ressoar no ouvinte.

O Fado é tradição porque muda, é autêntico porque se reinventa, e é nosso porque continua a falar, aqui e agora, uma verdade profundamente humana. É precisamente esta tensão entre raiz e metamorfose que lhe assegura um lugar pleno no mundo atual.



POESIA VIVA ARTE DA MÚSICA

28 fevereiro, sábado, 18:00 e 21:30

Espaço Darcos, Torres Vedras

entrada gratuita mediante inscrições

Vários compositores
Com poesia de Jorge de Sena
(1919-1978)

Paulo Pires, declamação
Helder Marques, piano

Se a poesia é música feita com palavras, como afirmava Fernando Pessoa (1888-1935), Jorge de Sena (1919-1978) levou à letra este enunciado com *A Arte da Música* (1968), livro de poemas motivados por obras musicais, intérpretes e compositores da História da Música Ocidental, um registo histórico e cultural da Humanidade e, ao mesmo tempo, uma reflexão e um modo original de falar em poesia sobre a música, sobre a construção poética e sobre as diferentes linguagens. A Música oferece-se ao Poeta como pretexto e veículo para a fruição de uma sensibilidade rara e delicadíssima que desencadeia uma necessidade incontornável de expressão poética.

A dimensão transformadora é enfatizada pelo próprio poeta ao denominar os seus poemas como metamorfoses musicais, objetos poéticos que resultam não de uma tentativa de imitação, mas de uma transfiguração poética dos objetos musicais, fontes de inspiração e de motivação para o poeta. Os poemas tornam-se meditações sobre objetos estéticos que se revelam a Jorge de Sena, “voz entre as vozes dos próprios objectos”.

Este encontro remonta à literatura grega clássica, onde a epopeia homérica e a poesia lírica tornaram-se ininteligíveis sem a presença da música. Não por acaso, em grego, a palavra música designa tudo o que é presidido pelas Musas, tudo o que resulta do ritmo, a união da música, da palavra e do gesto num mesmo conceito. É no ritmo, portanto, denominador comum da música e da linguagem, que encontramos a unidade verso-música.

Como afirma João Palma Ferreira, a propósito d'A Arte de Música de Jorge de Sena, o poeta oferece-nos “autênticas peças de música”, verdadeira transfiguração de objetos musicais que se cristalizam em formas poéticas. Não estamos “perante glosas poéticas de alguns temas ou estruturas musicais”, mas perante “autênticas peças de música diluídas na própria experiência do autor, que, com música, prossegue, em poesia, para lá do ponto onde a peça inspiradora terminou”.

Assim, o concerto de hoje, resulta num encontro íntimo e único com a essência primordial que subjaz a toda a Música e a toda a Poesia.



14 março, sábado, 21:00

Convento de São Pedro de Alcântara,
Lisboa

bilhetes à venda nos locais habituais

15 março, domingo, 17:00

Quinta da Almiara, Torres Vedras

entrada gratuita

S. Prokofiev (1891 - 1953)

Quarteto de cordas Nº1 em Si menor, Op. 50

I. Allegro

II. Andante molto

III. Andante

B. Smetana (1824 - 1884)

Quarteto de cordas Nº1 “Da minha vida”

I. Allegro vivo appassionato

II. Allegro moderato à la Polka

III. Largo sostenuto

IV. Vivace

ENSEMBLE DARCOS

ensemble DARCOS

a propósito de uma longa digressão
de concertos pelos Estados

Unidos da América (1930), a Fundação
Elizabeth Sprague Coolidge da Biblioteca
do Congresso de Washington, D.C.,
encomendou a Sergei Prokofiev (1891-
1953) uma obra de câmara, dando
origem ao *Quarteto de cordas n.º1, em
si menor, op.50*, estreado a 25 de Abril
de 1931, pelo Quarteto Brosa. De textura
musical intrincada e, pouco convencional
quanto à forma, culminando num
andamento final lento, é revelador da
voz única de Prokofiev e a sua atenção
meticulosa aos detalhes.

O 1º andamento, *Allegro*, inicia-se com uma melodia peculiar e cheia de surpresas, impulsionada por um vigoroso acompanhamento, rapidamente desenvolvido numa complexa teia contrapontística. O 2º andamento é assombrosamente introspetivo até se transformar num *scherzo* vertiginoso, mordaz e espirituoso, numa explosão de cor e texturas musicais. O andamento final, *Andante*, mergulha numa paisagem solene e lírica, cheia de nostalgia, em tensão crescente, até dissipar-se, silenciosamente.

Escrito em 1876, por Bedřich Smetana (1824-1884), figura proeminente do movimento nacionalista checo, o *Quarteto de Cordas nº 1, em si menor, op.116*, intitulado *Z mého života* [Da Minha Vida], é uma obra altamente pessoal e autobiográfica, em jeito de catarse pelo facto de ter ensurdecido em 1874, aos 50 anos. De acordo com as palavras do compositor, retrata um “pequeno círculo de amigos” a “discutir entre si o que tão obviamente me aflige”, como se fosse o “retrato sonoro da minha vida”

O 1º andamento, *Allegro vivo appassionato*, evoca a “inclinação para a arte na minha juventude, com o romantismo a predominar, o anseio indizível por algo que não conseguia expressar ou imaginar com certeza, e também uma espécie de aviso do meu futuro desastre”. No 2º andamento, *Allegro moderato à la Polka*, o compositor recorda a “vida feliz da minha juventude, quando, como compositor de música para dança, frequentava o mundo da moda, onde era conhecido como um bailarino apaixonado”. O ardente e lírico 3º andamento, *Largo sostenuto*, é uma ode a Kateřina Otilie Kolářová (1827-1859), a “rapariga que mais tarde se tornou minha fiel esposa”, assumindo-se como o clímax emocional do quarteto. O último andamento, *Vivace*, apresenta a “perceção da beleza da música nacional e a felicidade daí resultante, interrompida pela minha sinistra catástrofe”, a nota aguda no 1º violino, representando a surdez de Smetana.

europa sinfónica

9 abril, quinta-feira, 21:30
Teatro-Cine de Torres Vedras
bilhetes à venda nos locais habituais

10 abril, sexta-feira, 21:00
Centro Cultural de Belém,
Pequeno Auditório, Lisboa
bilhetes à venda nos locais habituais



LONDON mozart PLAYERS

Nuno Côrte-Real (1971)
Todo o teatro é um muro branco
de música, Op. 45

D. Shostakovich (1906 - 1975)
Concerto para Violoncelo e Orquestra Nº1,
em Mib maior, Op. 107

I. Allegretto

II. Moderato

III. Cadenza (attacca)

IV. Allegro con moto

W. A. Mozart (1756 - 1791)
Sinfonia Nº41 "Júpiter", em Dó maior, K. 551

I. Allegro vivace

II. Andante cantabile

III. Menuetto: Allegretto - Trio

IV. Molto allegro

Filipe Quaresma, violoncelo

Nuno Côrte-Real, maestro

LONDON MOZART PLAYERS

Num gesto recorrente da Temporada DARCOS, teremos a oportunidade de ouvir a orquestra de câmara mais antiga do Reino Unido, a London Mozart Players, fundada em 1949 pelo eminente violinista e maestro Harry Blech (1910-1999), com um programa que reúne 3 obras emblemáticas de Côrte-Real (1971), Shostakovich (1906-1975) e Mozart (1756-1791).

Encomenda da Orquestra Metropolitana de Lisboa, e dedicada ao compositor e maestro Pedro Amaral, a *Abertura Concertante, op.45* (2013) de Nuno Côrte-Real (1971) baseia-se no poema Chuva Oblíqua de Fernando Pessoa (1888-1935), escrito a 8

de Março de 1914, e publicado no ano seguinte, no 2º e derradeiro número da revista Orpheu. A languidez *spleen* que percorre a VI parte do poema, assim como as vívidas memórias de uma infância evocada, são assumidas, musicalmente, por um conjunto de cores de pendor expressionista, numa sucessão de ambientes quase hipnóticos, que derivam de um diálogo entre o piano e orquestra.

O *Concerto n.º1 para Violoncelo e Orquestra, em Mib maior, op.107*, de Dmitri Shostakovich foi escrito entre Junho e Julho de 1959, para o mítico violoncelista Mstislav Rostropovich (1927-2007), sendo estreado a 4 de Outubro de 1959, em Leningrado [São Petersburgo], com Rostropovich e a Orquestra Filarmónica de Leningrado, sob a direção de Yevgeny Mravinsky (1903-1988). O concerto tem uma estrutura incomum, o 1º andamento corresponde à I parte e os restantes andamentos à II parte. O *Allegretto* inicial é profundamente dramático, seguido de um 2º andamento etereamente doce, concluindo num diálogo entre a celesta e o violoncelo. Segue-se a *Cadenza*, a cadência do solista e o último andamento, *Allegro con moto*, síntese do material musical anterior.

Entre Junho e Agosto de 1778, Wolfgang Amadeus Mozart escreveria um derradeiro tríptico sinfónico: as sinfonias n.º 39, 40 e 41. Completada a 10 de Agosto, a *Sinfonia n.41, K.551*, passaria à História com o cognome Júpiter, o rei dos deuses da mitologia romana (e o nome do maior planeta do sistema solar). Incomparável no seu género, pela mestria absoluta no domínio da forma, da inventividade melódico-harmónica, e do genial contraponto que se vai desenrolando ao longo dos extraordinários 4 andamentos (particularmente o último, verdadeiro *tour de force* pela sua robusta monumentalidade, concluindo com uma fuga a 5 vozes de proporções antológicas), a Sinfonia n.41 assenta numa forma de pensar a expressividade musical já além do estilo Clássico, apontando para soluções que, anos mais tarde, e já pela mão de Ludwig van Beethoven (1770-1827), viriam a ser denominadas por Romantismo.

Resultado de uma encomenda (2000) do Centro Cultural de Belém, o Concerto para Violino e Orquestra “In Memoriam Luigi Nono” foi originalmente escrito por Nuno Côrte-Real (1971) para um ensemble instrumental (cordas, sopros, piano e percussão), sendo posteriormente adaptada para orquestra de cordas, versão que hoje estreia. Trata-se de uma homenagem ao compositor italiano Luigi Nono (1924-1990), figura destacada da vanguarda musical europeia da 2ª metade do séc.XX.

No 1º andamento, *Gioco del silenzio* [Jogo do Silêncio] ressoa a famosa frase do compositor veneziano “Entrei, e continuo a entrar, em muitos labirintos de dúvida e incerteza, arriscando o silêncio”. O 2º andamento, *Perpetuum mobile* [Movimento Perpétuo], recupera o título da obra de Arvo Pärt, escrita em 1963, e dedicada a Nono, concluindo o concerto com a dolente *Litania* [Ladaíinha].

Ainda que se desconheça o ano e o local de composição, é comumente aceite que o Concerto para violino, BWV 1042, foi escrito por Johann Sebastian Bach (1685-1750) entre 1717 e 1723, período em que o compositor era Kapellmeister da Corte de Anhalt-Köthen. Ao contrário do que era prática no espaço cultural alemão, Bach adotou o modelo de concerto veneziano, três andamentos, rápido-lento-rápido, em que o 1º andamento vive do diálogo constante entre o instrumento solista e a orquestra (ritornello), o 2º como momento de exacerbado lirismo e o 3º andamento, como momento de exibição do virtuosismo do solista, assente num ritmo ternário, próximo de uma dança.

As Duas Melodias Elegíacas, op.34, para orquestra de cordas, foram escritas em 1880, por Edvard Grieg (1843-1907), sendo dedicadas a Heinrich von Herzogenberg (1843-1900), partindo de duas das 12 Melodias, op.33, para voz e piano, com poemas do poeta norueguês Aasmund Olavsson Vinje (1818-1870).

Figura incontornável da composição para cinema, Bernard Herrmann (1911-1975), natural de New York, mas de ascendência ucraniana, passaria à História como o autor da banda sonora do inquietante filme *Psycho* (1960) de Sir Alfred Hitchcock (1899-

1980), em particular, os lendários motivos estridentes da cena do esfaqueamento. Quando questionado sobre o que pretendia transmitir, Herrmann respondeu laconicamente, “Terror”. Escrita para orquestra de cordas, um som “a preto e branco”, como o compositor gostava de realçar, a banda sonora original viria a ser revista em 1968, e transformada numa suite, *Psycho*: Uma Narrativa para Orquestra de Cordas.

9 maio, sábado, 18:30
Museu do Dinheiro, Lisboa
entrada gratuita mediante inscrições

10 maio, domingo, 17:00
Hotel Dolce Camporeal Lisboa
by Wyndham, Torres Vedras
entrada gratuita

Nuno Côrte-Real (1971)
Concerto para Violino e Orquestra
“In Memoriam Luigi Nono” op. 10 B
(estreia absoluta da versão para orquestra de cordas)
I. Gioco del silenzio
II. Perpetuum mobile
III. Litania

J. S. Bach (1685 - 1750)
Concerto para violino e orquestra em Mi maior, BWV 1042
I. Allegro
II. Adagio
III. Allegro assai
pausa

E. Grieg (1843 - 1907)
2 Melodias Elegíacas, Op. 34
I. O coração ferido
II. A última primavera

B. Herrmann (1911 - 1975)
PSYCHO - suite para orquestra de cordas
I. Prelude
II. The City
III. The Rainstorm
IV. The Madhouse
V. The Murder
VI. The Swamp
VII. The Water
VIII. The Stairs
IX. The Knife
X. The Cellar
XI. Finale

Jordan Hadrill, violino
Nuno Côrte-Real, maestro
ORQUESTRA DE CÂMARA DARCOS

ORQUESTRA DE câmara DARCOS



PRÉMIO INTERNACIONAL DE COMPOSIÇÃO DARCOS (4ª EDIÇÃO)

COMPOSITOR RESIDENTE
SÉRGIO AZEVEDO

19 junho, sexta-feira, 21:30
Átrio da Câmara Municipal
de Torres Vedras
entrada gratuita

B. Bartók (1881 - 1945)
Quarteto de cordas N.º 3 Sz. 85
I. Prima parte: Moderato
II. Seconda parte: Allegro
*III. Ricapitulazione della prima parte:
Moderato*
IV. Coda: Allegro molto

2 Obras finalistas a concurso

S. Azevedo (1968)
Quarteto de cordas "Hukvaldy"
estreia absoluta
I. Coisas Íntimas
II. À procura da Raposa
III. Nas brumas
IV. A pequena coruja

ENSEMBLE DARCOS



À semelhança dos anos anteriores, a 4ª edição do Prémio Internacional de Composição DARCOS tem como ponto de partida uma relevante obra do repertório de música de câmara, o *Quarteto de cordas n.º 3, Sz. 85*, de Bela Bartók (1881-1945). Escrito em Setembro de 1927, após ter ouvido a *Suite Lírica* (1925-26) de Alban Berg (1885-1935), o *quarteto Sz. 85* assume-se como uma síntese dos traços estilísticos mais distintivos do idioma musical de Bartók. Viria a receber o 1º prémio de música de câmara da Musical Fund Society de Filadélfia, em Outubro de 1928, onde foi estreado a 30 de Dezembro desse ano. Repleto de efeitos acústicos impressionantes, que conferem à obra uma surpreendente vivacidade, o quarteto tem 4 partes, executadas sem interrupções, num contínuo musical. Com uma estrutura ABAB, o quarteto está assente em duas unidades formais contrastantes: a introspectiva *Prima parte*, onde o motivo musical sofre um extenso desenvolvimento polifónico; e a *Seconda parte*, assente em elementos de dança folclórica húngara, com *glissandos*, ritmos pulsantes e *pizzicati*. Seguem-se duas secções mais pequenas, uma recapitulação abreviada da *Prima parte* e a *Coda*, que reutiliza a essência da *Seconda parte*, impulsionada por ritmos vigorosamente percussivos.

Noutra dimensão, chega-nos a estreia absoluta do *Quarteto de Cordas Hukvaldy* de Sérgio Azevedo (1968), figura destacada da sua geração, doutorado em composição pela Universidade do Minho, e professor na Escola Superior de Música de Lisboa. Este quarteto faz parte de uma série de obras, agrupadas em dois ciclos, relacionados com o universo musical de Leős Janaček (1854-1928). Daí o título Hukvaldy, cidade natal do compositor, na Morávia-Silécia, República Checa.

Dedicado a Milan Kundera (1929-2023), o novelista checo autor d' *A Insustentável Leveza do ser* (1984), o quarteto está dividido em 4 andamentos. O 1º andamento, *Cartas Íntimas* é, de acordo com Sérgio Azevedo, "uma espécie de fanfarra na forma de sonoridades de sinos, reiteradas em desespero". O 2º andamento, *À procura da Raposa*, rápido e nervoso, remete para ópera de Janáček *A Raposinha Matreira* (1923). De ambiente lento e misterioso, o 3º andamento, *Nas brumas*, é uma referência ao ciclo homónimo para piano, *V mlhách* (1912), do compositor moravo. Recuperando fragmentos musicais de peças do 1º ciclo, o 4º andamento é pautado por um crescendo de intensidade, terminando "numa ambiência de inquietação e melancolia".

6ª SINFONIA DE MAHLER / / TRÁGICA

Escrita entre os verões de 1903 e 1904, a *Sinfonia n.º 6, em lá menor*, de Gustav Mahler (1860-1911), é uma das obras sinfónicas mais intensas, sombrias e psicologicamente complexas do compositor e, para muitos, a sua obra-prima mais avassaladora. Por comparação com as demais sinfonias, onde a transcendência prevalece, aqui a escuridão vence, conduzindo o ouvinte por uma narrativa que avança sem concessões, paisagens emocionais sobre o destino implacável e a queda sem redenção. Nesse sentido, é uma sinfonia cujo sentido trágico nasce sobretudo da própria matéria musical. Estreada a 27 de Maio de 1906, em Saalbau, Essen, o título viria a surgir aquando da estreia em Viena, a 4 de Janeiro de 1907, onde constava como *Sexta Sinfonia (Trágica)*.

O 1º andamento apresenta uma dramaturgia densa, violenta e profundamente física. Inicia-se com um motivo marcial, verdadeiro motor do destino da obra, reaparecendo ao longo da sinfonia como símbolo da fatalidade. Em contraste, surge o tema de Alma [Alma Mahler (1879-1964), mulher do compositor], expansivo e luminoso, introduzido pelas cordas com grande lirismo. Contudo, Mahler compromete subtilmente essa luz através de harmonias instáveis e interrupções rítmicas, como se o próprio amor estivesse condenado desde a origem, a coexistência destes dois mundos, o marcial e o lírico. Cruel e mecânico, como paródia distorcida da vida quotidiana, o *Scherzo* apresenta o mesmo motivo marcial, mas distorcido, tornando-se sarcástico e cruel, a que se junta uma irregularidade rítmica, criando uma sensação de desorientação e ironia. O *Trio*, com o seu carácter quase infantil, introduz fragmentos de uma memória doce, logo devolvida ao grotesco. O 3º andamento, *Andante*, surge como um oásis expressivo, com a sua escrita melódica ampla, meditação amorosa, profundamente terna e lírica, em jeito de despedida. Contudo, a orquestração revela sombras, sinal de que esta serenidade é vulnerável. Longo, labiríntico, cheio de falsos triunfos, o *Finale* é considerado um dos últimos andamentos sinfónicos mais devastadores da História da Música. Os motivos temáticos dos andamentos anteriores são convocados, particularmente o motivo marcial, agora fragmentado e distorcido, perseguindo a música de forma fantasmagórica. Os momentos aparentemente triunfais são interrompidos por modulações bruscas até que se ouvem os golpes de martelo, os golpes do destino que abatem o herói, terminando num colapso brutal, seco e sem redenção, o carácter trágico da moderna irreversibilidade do tempo, com a vitória final do destino.

2 julho, quinta-feira, 21:30
Teatro-Cine de Torres Vedras
bilhetes à venda nos locais habituais

3 julho, sexta-feira, 21:00
Academia das Ciências de Lisboa
bilhetes à venda nos locais habituais

4 julho, sábado, 21:30
Festival Cistermúsica Alcobça
local a designar
bilhetes à venda nos locais habituais

G. Mahler (1860 - 1911)
Sinfonia N.º 6, em Lá menor, "Trágica"
(arranjo para ensemble de K. Simon)
I. Allegro energico, ma non troppo
II. Andante moderato
III. Scherzo: Wuchtig
IV. Finale: Sostenuto - Allegro moderato
- *Allegro energico*

Nuno Côte-Real, maestro
ENSEMBLE DARCOS

estágio ORQUESTRAL DARCOS /

/ CONSERVATÓRIO DE MÚSICA
CALOUSTE GULBENKIAN
DE BRAGA

12 setembro, sábado, 21:30

Theatro Círculo, Braga

bilhetes à venda nos locais habituais

L. van Beethoven (1770 - 1827)

Abertura Leonora Nº3 (da ópera *Fidelio*)

N. Côrte-Real (1971)

Concerto para Tuba e Orquestra

"Kind of Concerto", op. 65

I. Ritornello's groove

II. Lydian fantasy

III. To Miles

A. Dvorak (1841 - 1904)

Sinfonia nº 8, em Sol maior, op. 88 B

I. Allegro con brio

II. Adagio

III. Allegretto grazioso - Molto vivace

IV. Allegro ma non troppo

Sérgio Carolino, tuba

Nuno Côrte-Real, maestro

**ORQUESTRA SINFÓNICA DO CONSERVATÓRIO
DE MÚSICA CALOUSTE GULBENKIAN DE BRAGA**

a 4ª edição do Estágio Orquestral DARCOS regressa ao Conservatório Calouste Gulbenkian de Braga (onde decorreu a 3ª edição, em 2025), e o solista Sérgio Carolino (1973), reconhecido internacionalmente como virtuoso da tuba, como uma carreira assente no princípio da versatilidade e cruzamento de estilos.

Encomenda da Orquestra Sinfónica de Castilla y León (a quem a obra é dedicada), para celebrar o 50º aniversário do seu tubista, José Redondo (n. 1969), *Kind of Concerto*, op.65, de Nuno Côrte-Real (n.1971) foi escrito em 2019. A estreia ocorreu a 22 de fevereiro de 2022, com Redondo como solista e a orquestra dirigida por Jaime Martín (1965), no Centro Cultural Miguel Delibes, em Valladolid. Desmistificando a ideia de um instrumento limitado, Côrte-Real explora as enormes possibilidades técnicas da tuba, um instrumento ágil, virtuoso e expressivo, com uma vasta gama tonal, especialmente a tuba em Fá, para a qual o concerto foi escrito.

O 1º andamento, *Ritornello groove's*, uma alusão irónica ao *ritornello* como elemento incontornável do concerto barroco e ao *groove* como padrão rítmico propulsor em diversos géneros musicais, baseia-se num acorde de tríades múltiplas, seguindo o livro de teoria musical jazzística de George Russel (1923-2009), *Lydian Chromatic Concept of Tonal Organization* (1953). O 2º andamento, canto elegíaco doce e comovente, é uma homenagem a Helena Pimentel (†2019), antiga professora de música de Côrte-Real e figura fundamental da educação musical portuguesa nas últimas décadas do século XX. O 3º andamento, *To Miles [Davis]*, é uma profusão de imagens expressivas e evocações sonoras jazzísticas.

Composta entre Agosto e Novembro de 1889, em agradecimento à sua nomeação para a Academia de Ciências, Literatura e Artes da Boémia, a *Sinfonia n.º8, em Sol maior*, op.88, de Antonín Dvořák (1841-1904) foi estreada a 2 de Fevereiro do ano seguinte, dirigida pelo compositor, no Teatro Nacional de Praga. Por vezes descrita como sinfonia pastoral, distingue-se das demais sinfonias de Dvořák por uma fluência melódica bem-humorada, pressentindo-se uma liberdade criativa que a demarca do rigor do idioma sinfónico do espaço cultural alemão. Ao longo dos seus 4 andamentos pressentem-se as paisagens idílicas de Vysoká (o refúgio de verão do compositor), e o folclore boémio, na senda de um nacionalismo crescente, de que Dvořák é um dos mais ilustres representantes.



POESIA VIVA no Feminino

*Há mulheres que trazem o mar nos olhos
Não pela cor
Mas pela vastidão da alma
E trazem a poesia nos dedos e nos sorrisos*

19 setembro, sábado, 18:00 e 21:30
Espaço Darcos, Torres Vedras
entrada gratuita mediante inscrições

R. Schumann (1810 - 1856)
Cenas infantis, Op. 15
com poesia de Sophia de Mello Breyner
Andresen

Paula Lobo Antunes, declamação
Helder Marques, piano

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) é uma referência incontornável da produção cultural e literária portuguesa de todos os tempos. Para a autora, poesia é “a relação do homem com a realidade, tomando-a na sua pura existência”. Nesse encontro, ambos se olham como “amantes”, porém jamais unidos. Por isso, o poeta escreve com desencanto a respeito de tal impossibilidade. Já o poema é a invenção da poesia, “um objeto a mais no mundo, uma realidade entre as realidades”, que surge da necessidade do poeta de transfigurar a própria vida em coisas naturais. Dessa forma, é o intermediário, procurando o acordo entre o poeta e a poesia.

Oferecendo uma gama de imagens recorrentes do universo simbólico feminino, a poesia de Sophia de Mello Breyner mostra as várias possibilidades de as mulheres testemunharem existências éticas e, em última análise, constitui uma rebelião contra o que se esperava da mulher na sociedade patriarcal portuguesa de então: ser capaz, em nome da família e da sua demanda, de renúncia.

Difícilmente encontraremos melhor definição da poesia de Sophia de Mello Breyner do que a que traçou Eduardo Lourenço (1923-2020), partindo do conceito da antiguidade clássica de Sophia como sabedoria: “Sophia, sabedoria mais funda do que o simples «saber», conhecimento íntimo, ao mesmo tempo atónico e luminoso do essencial, comunhão silenciosa e sem cessar reverberante com tudo aquilo que, por original, a reflexão e seus intêrminos labirintos deixarão intacto”.

A embalar esta poesia, no feminino, escutaremos 7 miniaturas do ciclo para piano *Cenas infantis*, op.15, de Robert Schumann (1810-1856), escrito em Fevereiro de 1838. Ao contrário do que o título possa antever, esta obra não foi escrita com objetivos pedagógicos. Nas palavras do próprio Schumann, ainda que “em cada criança se encontra uma profundidade maravilhosa”, Cenas Infantis eram “olhares retrospectivos de um pai para adultos”. Em 1839, quando as 13 miniaturas foram publicadas pela Breitkopf & Härtel, Schumann acrescentou os títulos, como ideias poéticas que fornecessem “pequenas dicas” para a execução e compreensão da música. Deste ciclo, passariam à História pelo seu incedível lirismo, o n.º 1, *Von fremden Ländern und Menschen* [De países e pessoas estranhas] e o n.º 7, *Träumerei* [Devaneio].

O concerto de hoje nasce de uma pergunta de Rui Filipe e Maria Barreto: “Como se pode descrever um concerto em que o piano também dança? Em que cada tecla batida é uma mudança de direção, sensação e emoção?”. Piano e Dança revelam uma cartografia emocional da existência, onde a vida se apresenta não como linha contínua, mas como espiral, revisitação permanente daquilo que acreditamos ser, desejar e lembrar. Um torna-se extensão do outro, como se o instrumento respirasse e o corpo ecoasse, dois seres que se procuram numa linguagem antes da linguagem, ecoando as palavras de Isadora Duncan (1877-1927) “se eu pudesse dizer o que significa, não precisaria dançar”. Cada tecla tocada é peso, direção, memória e cada gesto desenhado no corpo devolve ao som a respiração primordial que o gerou. Ambos percorrem três estados de existência, o amargo, o suave e o doce, não como metáforas mas como estados mutáveis onde a vida se esculpe. O concerto nasce num casulo embrionário, um lugar, estranheza que ainda não encontrou forma, o “terrível começo de tudo”, como dizia Reiner Maria Rilke (1875-1926), um território em que o ser é só impulso. À medida que o concerto avança, fragmentos dessa origem regressam como ecos, pedaços de seda rasgada ou recomposta, fios de memória, pequenas metamorfoses que reencontram a pele do mundo e nos devolvem a nós próprios.

A cena desenvolve-se em 360 graus, com o público em lua completa, eliminando fronteiras. O espectador torna-se corpo também: desloca-se, troca de cadeira, a cada transição entre blocos. Altera a sua própria geografia, reconfigurando o seu lugar no acontecimento, um recordar de que existir é deslocar-se no espaço, tempo e no sentir. Também nós somos coreografia, mover-nos no espaço é mover-nos no significado. O 1º bloco intitula-se *Ciclo das Utopias*. É o respirar inaugural, território de germinação. É a infância da possibilidade, onde o silêncio sustém o impossível e lhe dá espaço para nascer. A utopia não se apresenta como destino, mas como necessidade, não é horizonte inalcançável, mas impulso vital. Amargo e doce tocam-se, e o suave surge como breve repouso. O 2º bloco, *Delírios e Liberdade*, assume-se como o direito ao excesso, a tensão entre desmesura e precisão, a urgência de romper as amarras invisíveis da forma. O piano é a voz interior desdobrada, procurando libertar-se das convenções e aparências. O corpo percorre um território de delírio lúcido, onde o gesto não ilustra, revela. Tal como Clarice Lispector (1920-1977) escreveu, “há partes de mim que só se revelam quando me perco”. Perder-se é o começo da libertação. O bloco final, *Fios de Escuta*, é o desdobrar íntimo do silêncio. A escuta torna-se forma de existir, o lugar onde o som desacelera o pensamento e abre clareiras. Um epílogo em que o doce não é evasão, mas lucidez; o suave, uma firmeza inesperada e o amargo, conhecimento que deixa de ferir para iluminar, devolvendo-nos ao essencial. Como dizia Rilke, “a beleza é apenas o começo do terror que ainda conseguimos suportar”. Permanece a intuição de que a vida, como a Dança e a Música, constrói-se no diálogo entre vulnerabilidade e coragem. E, enquanto houver quem dance e quem toque, haverá sempre novas formas de inventarmos o que somos.

Piano exclusivo uncaged

10 outubro, sábado, 18:00 e 21:30

Espaço Darcos, Torres Vedras

entrada gratuita mediante inscrições

Rui Filipe, piano
Maria Barreto, dança



EUROPA SINFÓNICA

NORDWESTDEUTSCHE PHILHARMONIE (Alemanha)

O ressurgimento da vida musical no território germânico foi uma das principais preocupações dos Aliados na reconstrução da Alemanha, pós II Guerra Mundial. Fundada nesse contexto, em 1950, a Nordwestdeutsche Philharmonie é, hoje, a principal orquestra do Estado da Renânia do Norte-Vestfália, desenvolvendo uma acção pedagógica notável junto das escolas deste estado e colaborando com a rádio nacional WDR3.

Em meados de 1804, Ludwig van Beethoven (1770-1827) começou a compor aquela que viria a ser a sua única ópera, *Fidelio*, uma história de amor e heroísmo, inspirada nos valores da Revolução Francesa (1789): Leonore trasveste-se como Fidelio, para poder libertar o seu marido, Florestan, preso por motivos políticos. Após a estreia, em 1805, Beethoven reviu a ópera, compondo uma nova abertura, já em 1806. A *Abertura Leonora* n.º 3 é, *per se*, um portento sinfónico, um poema sinfónico *avant la lettre*. À introdução lenta, sombria e tensa, representando o cárcere e o sofrimento de Florestan, segue-se um brilhante *Allegro*, a figura heróica de Leonore. O toque de trompete, fora de cena, anuncia a aproximação da liberdade, um crescente musical luminoso até à coda triunfal, a vitória dos valores morais sobre a tirania.

O Concerto para Violoncelo de Nuno Côrte-Real (1971), em estreia absoluta, nasceu do diálogo com a violoncelista Suíça Nadège Rochat. Trata-se do primeiro concerto do compositor para este instrumento, quase uma década depois do inspirado e elegíaco concertante *Luar Galego*, op.23 (2017). Concebido como uma viagem emocional, o compositor volta a cruzar a teatralidade musical, com uma narrativa sonora profundamente humana, através de uma escrita lírica e pulsante, explorando a expressividade do instrumento solista, enquanto contador de histórias. Composta entre Agosto e Novembro de 1889, em agradecimento à sua nomeação para a Academia de Ciências, Literatura e Artes da Boémia, a Sinfonia n.º8, em Sol maior, op.88, de Antonín Dvořák (1841-1904) foi estreada a 2 de Fevereiro do ano seguinte, dirigida pelo compositor, no Teatro Nacional de Praga. Por vezes descrita como sinfonia pastoral, distingue-se das demais sinfonias de Dvořák por uma fluência melódica bem-humorada, pressentindo-se uma liberdade criativa que a demarca do rigor do idioma sinfónico do espaço cultural alemão. Ao longo dos seus 4 andamentos pressentem-se as paisagens idílicas de Vysoká (o refúgio de verão do compositor), e o folclore boémio, na senda de um nacionalismo crescente, de que Dvořák é um dos mais ilustres representantes.

29 outubro, quinta-feira, 21:30

Teatro-Cine de Torres Vedras

bilhetes à venda nos locais habituais

30 outubro, sexta-feira, 21:00

Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa

entrada gratuita

L. van Beethoven (1770 - 1827)

Abertura Leonora N.º3 (da ópera *Fidelio*)

N. Côrte-Real (1971)

Concerto para violoncelo e orquestra
estreia absoluta

A. Dvorak (1841 - 1904)

Sinfonia n.º 8, em Sol maior, op. 88 B

I. Allegro con brio

II. Adagio

III. Allegretto grazioso - Molto vivace

IV. Allegro ma non troppo

Nadège Rochat, violoncelo

Nuno Côrte-Real, maestro

NORD WEST DEUTSCHE PHILHARMONIE



VISIONES

TRIBUTO

a GARCIA LORCA

NOS 90 ANOS

DA SUA MORTE

Nos 90 anos (1926-2026) do fuzilamento de Federico García Lorca (1898-1936), figura maior da lírica castelhana do século XX, por militares falangistas, nas vésperas do eclodir da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), chega-nos o CD *Visiones*, o ciclo de canções homónimo de Nuno Côrte-Real (1971), com poesia do malogrado poeta.

Ciclicamente, somos fustigados por ventos oscilantes, onde as raízes que nos prendem à mundividência parecem soltar-se. Oscilamos, qual barca à deriva, sem norte, sem vento, sem maré. É o caminho da incerteza, de sombras oblíquas, povoado de visões e espectros. Até onde caminhamos? Lorca procurou dar resposta a este sentimento, através de uma obra impregnada de visões poético-musicais de paixão e morte, de premonições, de desenganos, num arrebatamento desconcertante sem paralelo na história da poesia ocidental. Disso é exemplo o *Divã de Tamarit*, coletânea de 21 poemas escritos durante os verões de 1931-34, na Huerta de San Vicente, a sua casa familiar de veraneio, às portas de Granada. Os poemas dividem-se em 12 *gazeis* e 9 *casidas*, formas poéticas da herança árabe granadina (*divã* é o termo para, justamente, uma coleção de *gazeis* e *casidas*). O ciclo de canções *Visiones* faz uso de sete poemas desta obra: os *gazeis* *Del amor imprevisto*, *Del amor desesperado*, *Del amor maravilloso* e *Del niño muerto*; e as *casidas* *De la mujer tendida*, *De la muchacha dorada* e *De las palomas oscuras*.

Como motivo unificador, o tema do 1º andamento do trio op.97 de Beethoven (1770-1827), uma *idée fixe* que percorre a atmosfera elegíaca do ciclo, encerrando-o. Igualmente, dois corais de Johann Sebastian Bach (1685-1750), pontos de referência no horizonte obscuro da lírica de Lorca, nas palavras do compositor. São espectros poético-musicais, onde a dignidade, e a sua ausência, amor e morte, vão para além do surrealismo lírico, em jeito de apaziguamento pétreo. No horizonte criativo de Côrte-Real esteve a voz caleidoscópica de Maria Mendes (1985), figura aclamada do jazz europeu. Sendo a única artista portuguesa no feminino a receber uma nomeação para os Grammy Americanos e que em 2020 venceu o prestigiado EDISON Jazz Awards.

É famosa a entrevista de Lorca a Luis Bagarí, redator do El Sol de Madrid, em que se afirma partidário “dos pobres, dos que não têm nada”, não havendo forma de evitar a compaixão pelos “perseguidos, o cigano, o negro, o judeu, o mouro que todos trazemos dentro de nós”. *Visiones* é uma longa interrogação sobre a vida. A barca partiu, mas o destino é incerto.

17 novembro, terça-feira, 21:30
Teatro-Cine de Torres Vedras
bilhetes à venda nos locais habituais

18 novembro, quarta-feira, 21:00
Teatro Maria Matos, Lisboa
bilhetes à venda nos locais habituais

Ciclo de canções
de Nuno Côrte-Real
escritas para a voz
de Maria Mendes

- I. Preludio
- II. Del amor maravilloso
- III. Del niño muerto
- IV. Coral I
- V. De la mujer tendida
- VI. Del amor desesperado
- VII. De las palomas oscuras
- VIII. Coral II
- IX. De la muchacha dorada
- X. Del amor imprevisto
- I. Posludio

Maria Mendes, voz
Nuno Côrte-Real, direção musical e sintetizador
ENSEMBLE DARCOS

5 dezembro, sábado, 21:00
Convento de São Pedro de Alcântara,
Lisboa

bilhetes à venda nos locais habituais

6 dezembro, domingo, 17:00
Hotel Golf Mar, Porto Novo,
Torres Vedras
entrada gratuita

S. Prokofiev (1891 - 1953)

Quarteto de cordas Nº2 “Kabardinian”
em Fá maior, op. 92

I. Allegro sostenuto

II. Adagio

III. Allegro

J. Brahms (1833 - 1897)

Trio para trompa, violino e piano
em Mib Maior, op. 40

I. Andante

II. Scherzo (Allegro)

III. Adagio mesto

IV. Allegro con brio

Pedro Ribeiro, trompa
ENSEMBLE DARCOS

CICLO JOVENS SOLISTAS

ensemble DARCOS & PEDRO RIBEIRO

Perante a invasão da União Soviética pelo exército alemão, em 1941, e o avanço vertiginoso sobre Moscovo, a elite russa foi evacuada para diversos pontos do território. O mais famoso compositor russo de então, Sergei Prokofiev (1891-1953), seguiu para Nalchik, a capital da Cabárdia-Balcária, onde permaneceu por largos meses. Aí escreveria o Quarteto de cordas n.º2, op.92, baseado em melodias tradicionais da região, daí lhe advindo o subtítulo Kabardinian [Cabardino].

O quarteto viria a ser estreado a 7 de Abril de 1942, já em Moscovo. Demonstrativo do domínio do compositor sobre o género, combina o seu estilo musical singular e uma abordagem inovadora com profundidade e complexidade emocional, refletindo, igualmente, a resposta de Prokofiev à turbulência e incerteza da II Guerra Mundial. O 1º andamento apresenta dois temas contrastantes, derivados do folclore cabardino: o 1º, de carácter melancólico e introspetivo; o 2º vibrante e lúdico, repleto de variações, oscilando entre uma ingenuidade quase infantil e uma beligerância ameaçadora. O 2º andamento faz uso de uma canção de amor cabardina e de uma dança folclórica, evocando o *kamancheh* (violino persa), típico da região do Cáucaso. Remetendo para o ímpeto rústico e audacioso do 1º andamento, o final é marcado por ritmos propulsivos, passagens frenéticas e contrastes dinâmicos, que evocam uma sensação de urgência e intensidade.

O *Trio op.40* de Johannes Brahms (1833-1897) é uma obra particular no contexto da vasta produção musical do compositor. Foi escrito em 1865, após a morte de sua mãe, Christiane Brahms, para trompa natural, piano (instrumentos que aprendera na juventude) e violino, uma combinação inédita à época. Os seus quatro andamentos fazem lembrar a antiga forma da sonata da chiesa barroca, lento-rápido-lento-rápido. Foi estreado em Zurique, a 28 de Novembro de 1865, e publicado no ano seguinte. O 1º andamento distancia-se da estrutura formal da forma sonata, com um tema principal melancólico, intercalado por 2 segmentos rapsódicos. O 2º andamento é um *Scherzo* vibrante com um interlúdio inesperadamente lírico antes de uma repetição da secção inicial, ao jeito de recordação de memórias felizes. O 3º andamento, *Adagio mesto* [Adagio melancólico], é o núcleo emocional do trio, referência explícita ao luto do compositor, com uma variação onírica de uma canção folclórica que se acredita ter sido ensinada a Brahms por sua mãe, terminando este andamento com uma expressão de tristeza contida. O trio conclui com um exuberante *rondó*.



EXPERIÊNCIA OCEÂNICA E SENSORIAL

De frente para o oceano, em pleno litoral oeste e a apenas 50 quilómetros de Lisboa, no Hotel Golf Mar encontra tudo aquilo de que necessita para umas férias ímpares em família ou um memorável retiro romântico.



@f hotelgolfmar
hotelgolfmarvimeiro.pt

masterclasses

8 e 9 de Setembro

Conservatório de Música
Calouste Gulbenkian de Braga
Sérgio Carolino, tuba

9 de Setembro

Conservatório de Música
Calouste Gulbenkian de Braga
Nuno Côrte-Real, composição

1 e 2 dezembro

Escola Artística de Música
do Conservatório Nacional de Lisboa
Pedro Ribeiro, trompa

NORDWESTDEUTSCHE PHILHARMONIE

europa
simfónica
em
digressão

5, 6, 7, 10 e 11 novembro

Minden, Herford, Bad Salzuflen,
Detmold e Paderborn - Alemanha

L. van Beethoven (1770 - 1827)

Abertura Leonora Nº3
(da ópera *Fidelio*)

N. Côrte-Real (1971)

Concerto para violoncelo
e orquestra

A. Dvorák (1841 - 1904)

Sinfonia nº 8,
em Sol maior, op. 88 B

I. Allegro con brio

II. Adagio

III. Allegretto grazioso - Molto vivace

IV. Allegro ma non troppo

Nadège Rochat, violoncelo

Nuno Côrte-Real, maestro

NORD WEST PHILHARMONIE

TEMPORADA DARCOS 2026

Direção artística

Nuno Côrte-Real

Consultoria

Afonso Miranda

Textos

José Bruto da Costa

Produção Executiva

Bruna Moreira

Assistente de Produção

Ricardo Ventura

Gestão de apoios

Jorge Reis

Relações Públicas e Assessoria de Imprensa

Débora Pereira

Contabilidade

Luís Silvestre

Imagem gráfica

Olga Moreira,
a partir de pintura de Xavier Loureda

Comunicação e Imagem

Câmara Municipal de Torres Vedras

ORGANIZAÇÃO



DARCOS

ESTRUTURA FINANCIADA POR



APOIO INSTITUCIONAL



Embaixada
da República Federal da Alemanha
Lisboa

PARCEIROS



MUSEU DO
DINHEIRO
BANCO DE PORTUGAL



MECENAS



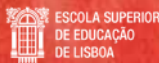
HOTEL OFICIAL



APOIO À COMUNICAÇÃO



APOIOS



temporada

DARCOS 2026



temporadadarcos.com